

A Linguagem Corporal¹

Decio Tenenbaum²

Fala-se que o corpo deve ser um todo único e indivisível, criticam-se alguns por dividirem-no em órgãos, outros são criticados por fazerem nele um dualismo corpo/mente, enquanto outros falam que nele existe um paradoxo corpo/mente.

Quando me convidaram para falar sobre esse tema, imediatamente comecei a me lembrar do meu curso médico e, pela primeira vez, realizei que o primeiro contato do estudante de Medicina com o corpo humano se dá através do corpo morto e depois com o corpo doente. Além disso, o ensino sobre o funcionamento orgânico fisiológico, isto é, o funcionamento corporal normal, objetiva tornar o futuro médico capaz de melhor identificar onde poderá estar a doença no corpo do seu futuro paciente. Minha conclusão foi óbvia: a experiência médica com o corpo humano é viciada, já que o médico, desde os tempos estudantis, só tem contato com o corpo doente. Mas aí me perguntei: e com as pessoas em geral? Quando é que sabemos que o coração está batendo, quando é que sabemos que o intestino, a vesícula biliar, os rins, e etc, existem? É quase sempre quando não estão funcionando direito, não é? Será então que, em geral, só temos contato com o corpo quando ele não está bem?

Vocês poderiam dizer que meu raciocínio está errado porque eu, como quase todos os médicos, só citei órgãos e não o corpo. Vocês poderiam dizer que meu equívoco foi esquecer que o corpo é mais do que a soma dos seus órgãos. Eu concordo, mas mesmo assim, pergunto agora eu, quando é que percebemos que este corpo, que é mais do que a soma de suas partes, existe? Tenho a impressão que ele passa a existir, isto é, tomamos consciência que temos um corpo, nas situações de satisfação e/ou de sofrimento. Parece que no dia-a-dia, e quando está tudo bem, praticamente não sabemos da existência dele. Ele nada mais é do que o instrumento da nossa existência. Será mesmo? Vocês concordam?

Acho que ninguém estranhou o tema dessa mesa redonda, estarmos aqui reunidos para discutirmos a questão do corpo. Mas, desde quando o corpo é uma questão? Para o ser humano, eu diria que desde sempre. Desde os tempos bíblicos estamos às voltas com a maneira adequada de lidar com as demandas corporais. Falam até que fomos expulsos do paraíso por causa delas. Por outro lado, não tenho notícia de que no reino animal haja algum outro vivente para o qual o corpo seja uma questão. Não tenho notícia que haja algum outro animal com este tipo de relação peculiar com seu próprio corpo. A Bíblia fala que todos os seres viventes foram criados por Deus e são o que são, à exceção do homem. Ele foi o único ser criado à imagem e semelhança de outro Ser. Nenhum outro vivente tem essa marca de nascença, o que quer dizer que o homem, nós, desde sempre e para todo o sempre não somos exatamente como os demais animais que obedecem instintivamente aos ditames do corpo. Em nós, humanos, os ditames corporais se expressam através de desejos e usamos nosso corpo como instrumento para a obtenção da satisfação desses desejos.

¹ Escrito a partir da participação na mesa redonda "O Corpo: do Discurso Médico à Psicanálise", patrocinada pela Associação Brasileira de Medicina Psicossomática, regional RJ, e realizada na Universidade Santa Úrsula, RJ, 03.06.93.

² Membro Efetivo, com funções didáticas, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Isso posto, marcada a peculiaridade humana, para falar sobre o nosso tema “O Corpo: Do Discurso Médico à Psicanálise”, basta acompanhar o processo de humanização do corpo.

Na Antigüidade julgava-se que tanto os fenômenos naturais (físicos e biológicos) quanto os fenômenos propriamente humanos (comportamentos e expressões culturais) eram regidos por divindades, do bem ou do mal conforme a avaliação predominante na comunidade acerca do fenômeno em causa. Lá pelo século V a.C. surgiram em diferentes regiões pessoas que começaram a dar outras explicações para os fenômenos presentes na biosfera. Vou limitar-me aqui aos pensadores gregos, que para a cultura ocidental são considerados os pais da filosofia e do pensamento científico (Durant, 1991). Essa época marcou, ainda em nossa cultura, o início da tripartição do conhecimento. O conhecimento religioso foi-se unificando (pensamento judaico-cristão) e tendo sua própria evolução, e o pensamento científico teve aí o seu início. O conhecimento vem seguindo delimitado nestas três linhas mestras: o pensamento religioso, o pensamento filosófico e o pensamento científico. Vou me limitar ao conhecimento científico do corpo, embora não negue as contribuições religiosas e filosóficas feitas ao conhecimento do homem por ele mesmo.

Desde seu nascimento, ainda em nossa cultura, a busca do conhecimento científico sobre a natureza e sobre o homem, vem sendo feita através da sistematização do conhecimento e da procura de "leis naturais" que regeriam desde o universo até o organismo humano. E não se pode negar o enorme avanço que foi conseguido nesse caminhar. Se foi assim com a astronomia, com a física, com a biologia, com todas os ramos do saber científico, por que não haveria de ser também com a Medicina e com a Psicologia? Dando um enorme salto no tempo, na época de Newton o uso desta metodologia na busca do conhecimento estava no seu auge. Acreditava-se que tudo no mundo, o homem incluído, seria equacionado através da observação dos fatos, que ao se repetirem em situações controladas, enunciariam leis gerais. Tudo que não seguisse o princípio geral da causalidade, tudo que não pudesse ser repetido nas mesmas condições em que ocorrera inicialmente, estava fadado ao descaso. Tudo então que dizia respeito à existência humana, à alma, ao espírito humano, não era muito levado a sério pelo ramo científico do saber. Era deixado para os outros saberes não científicos: as religiões e a filosofia. Foi apenas no final do século XIX, com Wilhelm Dylthey (1833-1911), que os fundamentos filosóficos das ciências humanas, na época chamadas de "Ciências do Espírito" ("Geisteswissenschaften"), foram lançados e só muito recentemente é que as ditas ciências humanas perderam o estigma de serem não científicas.

Freud (1856-1939) se formou médico na época do início dessa polêmica sobre as ciências humanas. Recém formado em Medicina na mais pura tradição científica do século XIX, interessado em neurologia, mas conhecedor de literatura, filosofia, antropologia e outros ramos de pesquisa a respeito do homem, partes integrantes do pensar não científico de sua época, começou a se deparar com certas situações clínicas inusitadas. Começou a notar que certas afasias, assim como certos sintomas corporais (paralisias, parestesias e outros) não podiam ser explicados pelas teorias neurológicas de então (Freud, 1893-a). Os estudos de Freud acabaram por levá-lo a formular uma teoria na qual o corpo não se limita a ser um conjunto de órgãos e sistemas interligados por leis biológicas e sede das doenças, mas sim parte significativa na experiência existencial humana e muitas vezes instrumento da expressão da vida emocional de seu/sua dono/a.

Com seu estudo, Freud acabou inaugurando um novo caminho para o conhecimento humano. Na área científica, até Freud, o corpo era entendido como tudo o mais que fazia e faz parte do mundo das coisas. Assim, era estudado, visto e pensado como algo regido por leis. Freud percebeu que para além das leis mecânicas, fisiológicas, bioquímicas e etc., o corpo também é o

palco onde são representados muitos dos conflitos existenciais. Notou que órgãos e funções corporais por vezes são utilizadas inconscientemente como formas de expressões para conflitos emocionais. Surgiu a linguagem corporal.

Fazendo uma breve recapitulação, no início pensava-se que o corpo, como tudo no mundo, era regido apenas por leis externas: dos deuses e dos astros. Aos poucos, o conhecimento sobre o funcionamento dos diversos órgãos foi se expandindo, o corpo passou a ser visto como uma máquina com suas próprias leis internas e surgiu a Medicina atual, inicialmente com seus humores e líquidos internos, mas depois a que nós conhecemos hoje. Vocês lembram que no começo eu falei que a gente só sabe do corpo quando ele não está bem? Não sei se vocês permaneceram porque concordaram ou porque são pessoas educadas. Quero agora perguntar a vocês outra coisa: apesar de todo estímulo ao desenvolvimento corporal e de todo físico-culturismo atual, vocês acham que as pessoas aumentaram a consciência do próprio corpo? Esculpir e modelar o próprio corpo para que seja um belo envoltório que atraia o interesse do consumidor implica em maior consciência? Se vocês pensarem bem, toda vez em que vocês tiveram consciência do seu corpo foi um fenômeno transitório que se restringiu ou a uma qualidade corporal (feio/bonito, gordo/magro, etc) ou a uma função corporal (uma parte, um órgão ou um sistema do corpo estar/não estar funcionando bem), não foi? O desenvolvimento científico da Medicina possibilitou a vocês conhecerem sua própria nuca, suas costas, seu rosto? E a localização anatômica da barriga está nos livros de anatomia? Vocês já sabem onde dói a dor de barriga ou por que o cotovelo dói quando somos deixados por quem nós amamos? Hoje em dia muitos ainda continuam a tratar seu próprio corpo como uma máquina, atualmente uma máquina perfeita de saúde e de sexo. O império do pensamento científico-tecnológico vai até aí.

Vocês não precisam ficar desconcertados com isso. Nem com o fato do desenvolvimento tecnológico, embora necessário, não ser suficiente (e nunca será) para ajudá-los a conhecerem o corpo de seus doentes. A quem recorrer? Graças ao desenvolvimento científico, a Medicina nos deu a longevidade de hoje. Graças ao advento da Psicanálise, o médico e o psicólogo podem hoje intervir positivamente nas repercussões corporais relacionadas com problemas existenciais dos pacientes.

E como isso é possível? O homem é um ser biológico, mas, como diz a Bíblia, é também "criado à imagem e semelhança". Isso significa que para além de processos biológicos, somos constituídos também de processos psicológicos, tais como representação³ (imagem), identificação (semelhança) e muitos outros. Assim, o corpo pode ser medido, pesado, apalpado, percutido, auscultado, avaliado bioquimicamente e etc, mas deve ser também entendido no que representa e expressa (identifica) da vida do seu portador. Essa é a dupla aproximação que o médico deve sempre ter do seu doente. O conhecimento do funcionamento orgânico do corpo é cada vez mais apurado pela tecnologia, mas sem ter o conhecimento do corpo através da consciência do que ele pode representar ou expressar para seu portador não temos como entender e ajudar nossos doentes.

Como é que o corpo pode representar e expressar? Através de alterações fisiológicas transitórias, como a hiperemia facial, taquicardia e outras tantas, o corpo pode expressar desde as emoções básicas (susto, conforto e desconforto) até sentimentos mais complexos como vergonha, amor, ódio e etc. Algumas experiências psicológicas mais complexas como perdas e rejeições podem se expressar sem que a pessoa tenha consciência, através de alterações em alguns sistemas

³ Segundo Abram Eksterman, a representação mental tem a função de registrar a experiência sensorial, assegurando a manutenção da experiência (memória) e produzindo o sentimento de continuidade do eu (identidade). Memória e identidade se estruturam para assegurar sobre a permanência do eu e do mundo.

biológicos como o digestivo, o hormonal e outros. Órgãos e funções (a pele e os fâneros, os órgãos sexuais e a função reprodutora, por exemplo) podem servir para a expressão de conflitos existenciais bastante sérios ligados à sexualidade. Também não se pode esquecer a íntima relação entre as diversas demandas psicológicas e os mecanismos fisiopatológicos do stress.

Bem, para se desvendar a linguagem corporal é preciso conhecer a linguagem emocional, que na Psicanálise é conhecida com o nome de “Processo Primário de Pensar”. A possibilidade de se conhecer cientificamente a linguagem emocional surgiu em 1901 com o livro “A Interpretação dos Sonhos” de Sigmund Freud (Freud, 1901). Utilizando-se dos sonhos, produtos mentais normalmente presentes em todos os seres humanos, Freud estudou e descreveu os dois processos de pensar que estão em ação na mente. Ele percebeu que existem em funcionamento em nossa mente duas linguagens: a racional e a emocional.

A racional, por ele chamada de “Processo Secundário de Pensar” porque é a que se desenvolve mais tarde, todos conhecem bem. É a que estou usando para escrever este texto. Esse processo representa o estímulo apreendido pelos órgãos sensoriais, organizando a percepção do mundo circundante para definir a melhor orientação adaptativa em comum acordo com as representações do “Processo Primário de Pensar”. Esse é um processo que pode ser consciente ou pré-consciente.

Freud chamou a linguagem emocional de “Processo Primário de Pensar” porque é a primeira a se desenvolver no ser humano⁴. Ela começa a se desenvolver a partir das relações (vínculos) que as pessoas⁵ estabelecem com o bebê e é formada pelas representações do objeto que são geradas pelos estímulos biológicos e pelos estímulos corporais que o bebê recebe desde os primeiros cuidados. Parece que a linguagem emocional se expressa utilizando-se das representações de cenas com os objetos que foram relacionados pela pessoa ao estímulo. Essas cenas mentais são sempre inconscientes e receberam o nome de “fantasias”. Assim, toda a vez que somos estimulados (fome, sede, medo, excitação sexual, etc) por eventos biológicos (internos) ou sociais (externos) nossa mente engendra uma fantasia. O “Processo Primário” possui várias camadas. A mais superficial é a erótica, através da qual os vínculos se realizam. As demais são camadas narcísicas, isto é, relacionadas com a constituição da identidade pessoal. A experiência afetiva se expressa através destas camadas.

Vale a pena notar dois aspectos do funcionamento conjunto das linguagens racional e emocional:

- a) enquanto a linguagem racional leva algumas frações de segundo para ser decodificada pelos processos cognitivos, a linguagem emocional é captada imediatamente e nem sempre de forma consciente.
- b) as duas linguagens podem estar em contradição, o que não é raro. Nestes casos, o ouvinte dá sempre maior importância ao que foi comunicado pela linguagem emocional, embora possa querer mostrar exatamente o contrário.

Os sintomas psicológicos, certos sintomas somáticos, os gestos, as posturas corporais, a mímica facial, o uso das interjeições e das locuções, os atos falhos, os lapsos e as fantasias são alguns meios utilizados pela linguagem emocional. Com o desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem corporal e sua relação com a linguagem emocional já podemos acrescentar mais um “corpo” ao rol dos conhecimentos sobre o homem. Já tínhamos o corpo sagrado, o corpo

⁴ Parece estar também presente, em maior ou menor grau, em outras espécies animais.

⁵ Freud começou a chamar as pessoas que estabelecem relações conosco de “objetos” porque são os objetos do nosso interesse afetivo. Em consequência, as relações pessoais passaram a ser chamadas de “relações objetais”.

anatômico, o corpo bioquímico, o corpo genético (fenótipo), o corpo da sociologia (o das relações sociais). Depois de Freud passamos a ter o corpo psíquico ou psicológico, isto é, o corpo como palco e instrumento para expressão de experiências emocionais.

Cada um desses “corpos” foi elaborado segundo as regras que regem a área do conhecimento a que pertencem. Na religião, o corpo é representado de acordo com o sagrado de cada crença; na anatomia, ele é representado por seus componentes macroscópicos; na bioquímica, ele é representado por seus elementos microscópicos e conhecido através dos resultados dos exames laboratoriais; na sociologia, pelas regras sociais que envolvem o uso e o relacionamento corporal dentro de cada cultura. E o corpo psíquico? Ele é “construído” a partir das experiências existenciais de cada um, de acordo com a história pessoal de cada um e com a capacidade maior ou menor que cada ser humano tem de transformar os fatos da sua vida em experiências existenciais⁶. É o mesmo processo que constrói a preferência alimentar de cada um por sobre as reações bioquímicas da fome que todo ser humano apresenta. Portanto, o corpo psicológico tem a mesma relação com o corpo médico (biológico) que o desejo de comer um determinado prato tem com as reações gástricas que são percebidas como fome⁷.

Bem, já falei um pouco sobre como o corpo pode ser usado para representar e expressar algumas experiências emocionais. Agora é chegado o momento de falar também um pouco sobre o que o corpo pode representar e expressar. A resposta é simples. Além das reações emocionais mais simples (medo, timidez, vergonha, excitação, etc.), três tipos de fenômenos mentais podem se expressar através de sintomas corporais:

- a) conflitos psicológicos inconscientes
- b) fragilidades egóicas decorrentes de falhas no desenvolvimento psicológico
- c) desorganização do ego

Estas três ordens de fenômenos psicológicos não são excludentes entre si. Assim, duas ou mais ordens de fenômenos psicológicos podem se expressar ao mesmo tempo ou alternadamente numa mesma pessoa. Cada uma destas ordens de fenômenos psicológicos se expressa com um tipo de sintomatologia corporal que está na dependência de como o corpo (órgãos, sistemas ou funções) é ou não é representado na mente e por ela utilizado como meio de expressão para a experiência emocional. Vocês vão ver que todos esses fenômenos têm relação bastante íntima com a capacidade ou incapacidade da pessoa tomar consciência de aspectos de si mesmo ou de sua história. Estou falando, portanto, da capacidade ou incapacidade egóica⁸ individual em lidar com seus conflitos, inseguranças e carências.

O tema da capacidade/incapacidade de tomarmos consciência de nós mesmos é muito antigo. Na Bíblia podemos ver toda a amplitude desse assunto expresso na forma de um mito (Leão, 1989 e 1992). É o mito da expulsão do paraíso: em determinado momento, homem e mulher por haverem transgredido a única proibição feita a eles, foram castigados. O ato proibido cometido por Adão e Eva foi comer o fruto (a maçã) de uma determinada árvore, justamente a árvore do conhecimento. Comendo seu fruto, viram-se nus. O castigo: a expulsão do paraíso. Ao adquirir consciência (a visão desnuda de nós mesmos), perdemos o paraíso instintivo e nos tornamos

⁶ O que é conhecido na Psicanálise com o nome de “capacidade simbólica”.

⁷ Essa relação entre a necessidade instintiva biológica e seu correlato simbólico (desejo) foi chamada por Freud de anáclise ou apoio, e foi descrita por Freud no artigo chamado “Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, Ed. Stand., vol. VII, Imago, RJ.

⁸ Ego: sistema mental virtual que operacionaliza a complexa integração dos diversos sistemas mentais: sensoriais, afetivos e cognitivos. (Tenenbaum, 1999, cap. 2).

humanos. E, na condição humana, conhecimento, consciência, castigo (culpa), vergonha e desamparo estão articulados. Assim, se o homem um dia teve algo de animal, algo aconteceu com sua espécie que fez com ela se diferenciasse das demais do reino animal. E essa diferença, ou mutação, é simplesmente a capacidade de ter consciência de si (Tenenbaum, 1999, cap. 4).

Embora seja recente o interesse da ciência pelo tema da consciência, muitos autores têm se dedicado a ele ao longo da história. Para vocês terem uma idéia, Sócrates quando perguntado a respeito de como se pode conhecer a realidade dizia sempre ao seu interlocutor: “Conhece-te a ti mesmo”. Ele já sabia que ter consciência de si é ter consciência do mundo. Com a Psicanálise ficamos sabendo que toda e qualquer impressão sensorial, seja vinda de dentro, seja proveniente do mundo externo, precisa passar por um determinado processo - simbolização - para se transformar em conhecimento/consciência. Os órgãos dos sentidos percebem, mas isso não basta para se ter consciência de algo. Mas a consciência também não se limita ao movimento reflexivo, que é a proposta da filosofia. A consciência tem íntima relação com os processos afetivos e é um estado mental que sempre tenta se impor. E tanto isso é verdade que são necessários “mecanismos de defesa” (Freud, 1974) para regular esse processo. Portanto, o ser humano está sempre às voltas com sua consciência e com o sofrimento inerente a ela⁹.

Esse processo de simbolização também envolve o nosso corpo. Lacan¹⁰ (Lacan, 1985) diz que o corpo, por fazer parte do mundo das coisas, é o real em nós e por isso, seguindo Kant, é incognoscível. Isso não quer dizer que vocês chegaram até aqui para escutarem que é besteira pensar no tema proposto. Essa frase apenas quer dizer que nosso corpo, como a realidade, como coisa-em-si percebida pelo nosso sensorio, só é conhecido por nós através do processo simbólico e, portanto, através da consciência. Desde a linguagem bíblica, passando pelos gregos e chegando à Psicanálise está dito: estamos fadados à consciência (alguns se esforçam para evitar isso).

Por que é tão problemático usar esta capacidade? Durante a maior parte de sua vida Freud pesquisou, escreveu, se dedicou enfim, aos motivos e razões para que o conhecimento (consciência) de algo deixasse de existir, isto é, como e por que algo se torna inconsciente. Com isso ele acabou descobrindo o Inconsciente (Freud, 1915-a), criou a Psicanálise, técnica terapêutica que justamente possibilita que o conhecimento perdido seja recuperado pela consciência, e abriu o vasto campo de estudo sobre a dinâmica mental (psicodinâmica).

Uma dos primeiros fenômenos que chamou a atenção de Freud foi a existência de pensamentos e sentimentos que a pessoa não pode se dar conta porque, se assim o fizesse, entraria em conflito com a imagem que a ela mesma tem de si (ou gostaria de ter ou gostaria que os outros tivessem). Através do estudo de um caso de seu amigo J. Breuer (Freud, 1893-b), observou que os pacientes apresentavam uma série de sintomas físicos e mentais que desapareciam assim que eram elucidadas as circunstâncias nas quais os sintomas surgiram. Freud observou que, nestes casos, a inconsciência (o não saber) é um processo defensivo contra a dor mental decorrente da existência de certos desejos que, por questões morais, a paciente julgava que não deveria ter. Graças à repressão (Freud, 1915-b), os desejos incompatíveis não conseguiam alcançar a consciência. Mas, como a repressão não acaba com os desejos, apenas impede o acesso direto à consciência, o desejo sempre acaba tentando se expressar. É justamente esta luta entre o desejo e as forças mentais contrárias a ele que Freud chamou de conflito inconsciente. Em algumas pessoas o corpo serve de palco para esse conflito. É o que acontece na histeria de conversão, entidade clínica na qual a sintomatologia corporal equívale a formulações mentais. Nela o conflito mental foi “convertido”

⁹ Eksterman, A. (1987) “Pós-fácio” in *Neuroses de Transferência: uma síntese*, Ed. Imago, R.J.

¹⁰ Jacques Lacan, psicanalista francês.

para o corpo e a sintomatologia corporal nada mais é do que a resultante de um conflito íntimo e expressão dos dois polos deste conflito: o desejo e a sua proibição ou castigo. Assim, através do sintoma, o corpo expressa um conflito mental. Exemplos: as paralisias histéricas.

O estudo do stress tem ajudado na compreensão de um outro tipo de sintomatologia corporal diretamente relacionada com a história de vida do paciente. São os quadros orgânicos que surgem em momentos existenciais críticos. As exigências da vida, a busca da realização pessoal, a perda de pessoas queridas, separações prolongadas, representam sempre uma sobrecarga psicológica. Em algumas pessoas, esta sobrecarga psicológica não se expressa através de sintomas mentais (ansiedade, angústia, depressão, fobias, delírios, alucinações ou qualquer outro sintoma psicológico), mas acaba funcionando como um agente estressor gerando sintomas corporais decorrentes da manutenção de algumas reações fisiológicas presentes no stress. Nestes casos não há conflito, há uma incapacidade psicológica da pessoa elaborar a situação pela qual está passando e a sintomatologia corporal é resultante da associação das predisposições orgânicas do paciente (“órgão de choque”) com as fragilidades egóicas decorrentes de falhas no seu desenvolvimento psicológico relacionadas com as características de sua história de vida. Alguns exemplos: diversas alterações dermatológicas como as alopecias, a acne, a psoríase e outras mais; a úlcera péptica, a síndrome do colon irritável.

Para finalizar ficou faltando falar um pouco da maneira como o corpo pode expressar uma desorganização do ego. Como vocês sabem, o ego é o sistema mental (virtual) fundamental para o desenvolvimento psicológico do ser humano. Ele começa a ser desenvolvido em etapas bem precoces da vida, a partir dos primeiros vínculos do bebê e continua a ser desenvolvido através das relações significativas que a pessoa vai estabelecendo vida afora. Sua principal função é a operacionalização dos diversos sistemas em ação na mente¹¹. Articulando as demandas e necessidades do mundo subjetivo de cada um com os fatos vividos pela pessoa no mundo objetivo, o ego vai operacionalizando a elaboração das experiências da pessoa, transformando fatos vividos em experiências existenciais (Tenenbaum, 1999, cap.2). Mas, por vezes, a experiência pela qual a pessoa está passando ultrapassa totalmente sua capacidade de elaboração. Seja porque a experiência mexe em pontos inconscientes que a pessoa é incapaz de elaborar por fragilidade egóica decorrente de falhas básicas (Balint, 1979) havidas no seu desenvolvimento psicológico, seja porque a experiência está carregada de significados que vão contra todos os princípios fundamentais da pessoa, seja porque a violência psicológica presente na experiência é insuportavelmente ameaçadora à integridade mental da pessoa, seja porque a experiência se passou num momento de fragilidade orgânica ou psicológica (ego momentaneamente debilitado), o resultado é sempre algum nível de desorganização do próprio ego.

A desorganização do ego pode se expressar tanto através de sintomas mentais quanto de sintomas físicos. Os principais sintomas mentais são os delírios e as alterações na identidade, ambos decorrentes de alterações na articulação dos sistemas cognitivos com os afetivos. No limite entre sintomas físicos e mentais estão os diversos tipos de alucinações decorrentes de alterações nas representações mentais oriundas dos sistemas perceptivos. São as percepções alteradas do próprio corpo (alucinações de transformação corporal como a descrita no livro “A Metamorfose” de Kafka), as utilizações bizarras do próprio corpo e as alterações no reconhecimento dos limites corporais (alucinações negativas de partes do corpo). Características e propriedades corporais também podem se apresentar perturbados (alucinações cenestésicas).

¹¹ sistemas perceptivos, mnêmicos, cognitivos, afetivos, identificatórios, defensivos, etc.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Balint, M. (1979) *The Basic Fault – Therapeutic Aspects of regression*, Tavistock Publications, London.
- 2- Durant, W. (1991) *Historia da Filosofia*, Record, RJ.
- 3- Freud, A. (1974) *O Ego e seus Mecanismos de Defesa*. Imago, RJ.
- 4- Freud, S. (1893-a) *Estudos sobre a Histeria*, in Edição Standard Brasileira, vol. II, Imago, RJ, 1976.
- 5- _____ (1893-b) *Caso Anna O.*, idem, vol.II.
- 6- _____ (1901) *Interpretação dos Sonhos*, idem, vols. IV e V.
- 7- _____ (1915-a) *O Inconsciente*, idem, vol. XIV.
- 8- _____ (1915-b) *Repressão*, idem, vol. XIV.
- 9- Lacan, J. (1985) *O Seminário, Livro 3. As Psicoses*; Zahar, RJ.
- 10- Leão, E.C. (1989 e 1992) *Aprendendo a Pensar*, vols. I e II, Vozes, RJ.
- 11- Tenenbaum, D. (1999) *Investigando Psicanaliticamente as Psicoses*. Sette Letras, R.J.